

COSMO LITTERARIO

Anno I

Redactor M. A. Major

N. 18

PARTE LITTERARIA

Os Esboços Poeticos do Sr. Brandão Pinheiro

CARO PEREIRA

De dia em dia multiplicão-se os elementos da intellectualidade produzindo sempre alguns fructos mais ou menos aprimorados, mais ou menos delectuosos; de dia em dia a poesia ensaia-se em novas vestes e em novos éstros, a lyra é almejada e as portas do Pindo arrombadas á golpes de machado; de dia em dia rareão as fileiras dos amantes do materialismo, á proporção que as filas dos mancebos estudiosos engrossão com novos adeptos e neophytos.

Ainda hontem a sepultura recebia os feretros de Alvares de Azevedo, Dutra e Mello e Junqueira Freire, e já hoje surgem no horisonte litterario novos astros predestinados á brilhar no nosso hemispherio, não queremos dizer que o auctor dos *Esboços Poeticos* seja um desses portentos, cujo brilho divisa-se logo ao nascer, não o queremos classificar na pleiade dos poetas-cysnes de arroubadas inspirações, porém, também o diremos em sua honra, se Brandão Pinheiro não foi fadado ao berço com uma dessas missões que fervem no cerebro, e que lobriga-se nos traços phisionomicos, é sem duvida um moço intelligente que, estudando todos os artigos concernentes á poesia, tirará proveito, e prestará um serviço ao progresso concorrendo com o seu obulo para a sancta missão da perfectibilidade.

A poesia é um paiz bello e maravilhoso, porém para nelle entrar-se é preciso atravessar os desertos áridos, os sertões onde silva a serpente, tropeçar nos trilhos sinuosos, perder-se nas mattas trevosas, ferir os pés nos espinhadores abrolhos, expor a cabeça aos ardores do estio e o corpo ao contacto veniminoso dos reptis, é preciso soffrer como o justo, suportar todas as fadigas, atravessar os paúes e saltar todos os regatos. E quantas e quantas vezes succumbe-se, e quantas vezes o corpo cahe desfallecido e a alma ainda pullula ardente e entusiastica? Brandão Pinheiro é ainda soldado de hontem, necessita de exercicio e pratica, precisa calçar o chão humido dos combates, affrontar as balas e ouvir com socego o marcial clarim e o troar dos canhões inimigos. Como destre recruta colherá o grão de soldado, e depois de neste posto avançar-se entre os demais, então terá como horisonte um futuro porque serão, suas divisas, suas acções meritorias.

Se Brandão Pinheiro necessita de estudo, os *Esboços Poeticos* necessitam de correção, porqua a falta de poesia, metificação e arte é por demais sensível. Não queremos apêgo á escola classica, mas também não desejamos linhas alinhavadas e baptisadas; pedimos entre uma e outra cousa, um intermedio.

Quando não estuda-se a arte, e quando estudando-a convertemol-a em um romance, que lê-se descrevendo vividas illusões no terreno da imaginação não se póde tirar um resultado feliz de tal modo de aprender, e jámais colher-se-ha fructos que não sejam iguaes a semente, porque seria atirar-se á terra ingrata, ingrata semente, e depois, em sonhos, ambicionar-se uma messe esperancosa.

Se a poesia não instruir ou delectar, será então uma sombra; se o poeta não tiver conhecimentos, se não inspirar ao leitor essa sensação que abala e commove, que terrorisa e faz duvidar, se o poeta não sabe explicar esse sentir vivo e animado, se não possui mais do que nós os meios de guiar-nos nas voluptuosas estradas do idealismo e nas cavernosas mansardas do materialismo, se não souber mostrar a lascivia e a licença

bailando no bordel, a messalina reinando na crapula, se em poetar divino não fallar as turbas na linguagem entusiastica e divina manifestando um Deus dominando, os adornos da belleza, os encantos da natureza, então não será poeta, porém asselvajado menestrel que recita canções rapsodicas para receber em premio uma bolsa atirada aos pés ou as migalhas do banquete opulento da aristocracia, será um jogral porém nunca um poeta, em cuja mente regorgitão as lavas da inspiração.

Por isso quando não se é o cantor das *Primaveras* ou Macedo Junior cuida-se em cultivar, soffre-se aceitando-se as lições dos mais adestrados, e recebendo as instrucções dos mais peritos, por isso quando não chama-se Alvares de Azevedo e quando não assigna-se Junqueira Freire deve-se avaliar em aturadas pesquisas o quilate de todas as theorias, pesar em boa balança as regrinhas da arte, habituar-se á melodia que ha immortalizado Bellini, ganhar-se a harmonia cadente, copiar da natureza e roubar do infinito todas essas doces sombras que esvoação em noutes de luar, é preciso ouvir-se o murmurio dos regatos, o sussurro da brisa serpenteando por entre o laranjal, apreciar o trinado melodioso do canario e o grito agúdo da araponga, é conveniente escutar a voz solemne dos ventos zombando dos visos da montanha, o silvo da serpente e o regougar da raposa, é preciso colher aqui e ali flôres diversas para reunir um lindo ramalhete, e se cada flôr é bella o ramalhete é um complexo de suavissimo perfume e variedade de côres.

Os *Esboços Poeticos* apparecerão antes do tempo, e por consequencia a critica talvez pareça um tanto severa; o auctor nem dedilhou bem a lyra nem a lima: se não entou com melodia o cantico muito menos o polliu. De tantas poesias raras são aquellas que correspondem á expectativa, não desejavamos estender nossa apreciação, porém o que queres, Pereira? Pediste-me uma analyse, ella ahi vai, julga-a severa porém justa, terrível porém imparcial, acabrunhadora e tudo que quizeres.

O *Brasil*, poesia de doze sextilhas, onde o primeiro verso rima com o segundo, o terceiro com o sexto, o quarto com o quinto, é a primeira prova do que latamente havemos dicto, é o documento imparcial de nossa censura, e se duvidar-se leia-se essas tres primeiras sextilhas:

Vou cantar a minha terra,
Vou dizer o que ella encerra
Em flôres, perfumes mil;
Vou descrever as bellezas
Deste mundo de riquezas,
Que se chama o meu Brasil.

E' escusado eu fazer
Trabalho para descrever
Estas, estas formosuras;
Pois que outros poetas mimosos
Por certo mais talentosos
Tiverão essas venturas.

Por isso sómente vou
Audaz, louco que sou,
Por ir fazer a pintura
Destas formosas paisagens
Destas mil lindas imagens
Primores desta natura!

O que salva ao auctor são os ultimos versos em que confessa-se que se não póde descrever bem o Brasil ao menos tentou, e isto é uma boa desculpa para os nossos tempos, em que a floresta é destruida, os montes furados e as produções da natureza esmagadas sob as rodas da locomotiva.

Na poesia *A uma flôr* o auctor esqueceu-se da Grammatica, calçou a syntaxe e nem por isso esvoaçou em limpido céo, porque emmaranha o pensamento e obriga o leitor a jejuar á respeito de entender.

No *Orphão e Improviso* encontra-se defeitos, e na composição — *O que eu amo* — além das faltas commettidas encontra-se esse verso que para nós nada tem de poetico:

Amo-te a ti toda inteira

Tasso e *Camões* em versos soltos necessita de uns toques e bastante correcção.

Se existe nos *Esboços Poeticos* alguma belleza é por certo nos *Prantos d'alma* e *B'isas*; belleza isolada vegetando ao ardor dos defeitos e tornando-se resequida, porque mingua-lhe as companheiras. Tanto n'uma como n'outra poesia não ha a suavidade do estylo, nem a amenidade, porém antes queríamos que todas as demais fossem tão boas como estas, fazemos votos para que o Sr. Brandão Pinheiro arrime-se á escola *lamar-tiniana*, e della possa extrahir as plausibilidades de um estudo proveitoso.

A *Ave-Maria* é uma poesia portugueza, ou então sem local. A rima é soffrível e a versificação podia estar muito melhor porque a arte é prodiga e o pensamento está retalhado e não acabado.

Recordações é uma triste testemunha da convivencia poetica do auctor do livro de poesias que me enviastes, ella não está só, possui antes e depois muitas irmãs, razão que nos obriga a abandonar a viagem e a resumir os nossos pensamentos, e para que continuar? Para demonstrar o volumoso do erro e a enormidade do defeito? Para apresentar os esquecimentos continuos, a versificação falseada, o metro mal lapidado, a harmonia apparecendo em raras occasiões?

Ninguém mais do que nós sabe a aridez do estudo, porém nós somos os primeiros a aconselhar-o, ninguém mais do que nós tambem ha visto as flores mais bellas nascerem por entre os espinhos, por isso se o auctor dos *Esboços Poeticos* estudar convenientemente, e se applicar como deve não seremos os ultimos em o applaudir, e em dirigir-lhe um brado de admiração e homenagem.

Meu querido, o que tenho a dizer-te a respeito do livro que me mandastes, e nota que isto não é critica, é porém um modo de pensar e nada mais.

MAJOR.

A Polonia.

A Polonia tem sido o objecto das sympathias universaes e no entanto vai succumbindo ao jugo oppressor da Russia, tem sido o alvo dos poetas, o ponto dos oradores e o thema de todas as idéas liberaes e apesar de tudo isto a pobre Polonia morre ao desalento e seus filhos são atirados para os gelos da Siberia.

A sorte das nações varia, porém ás vezes quantos annos não são precisos para transformar-se a face das nações? Que o digão os empreiteiros de 89 os carbonarios de 30 e 48, e que o contem aquelles que lá nas serranias nevoentas da Sarmacia arrastão pesados grilhões.

A causa da Italia que não é a causa do mundo, que é um engodo e especulação teve admiradores e campeões: H. uve um *embroglio*, porque se os duques e os austriacos forão expolsos de suas possessões, Napoleão conquistou Niza e Saboia, e o usurpador dos direitos monarchicos e o imitador dos tempos que passarão ambiciona e sonha com Roma. Apesar desses quadros pouco agradaveis, porque deslisa-se um Garibaldi bailando no scenario entre um chusma de *reformadores*, e apesar da liberdade apregoada, elles, os senhores da época, dismantelão instituições, dissolvem corporações monasticas e sorvem o patrimonio das congregações religiosas.

Ea Italia teve por campeões um Napoleão III e a politica in-

gleza, a Polonia porém que não offerece um campo, onde o interesse possa pronunciar-se e onde trave-se as complicadas luctas entre as ambições pequeninas de homens que se cuidão politicos, — a Polonia oscilla entre a impotencia e o entusiasmo dos seus valentes soldados que não lhe faltarão; entusiasmo sobrou e no entanto a filha legitima das concepções heroicas da idade-média desfalleceu. Cantarão-na os poetas, porém seus cantos erão apenas elegias e a Europa tracta de empolgar a Dinamarca.

No mundo positivista, em cujos pólos estão a França e Inglaterra, podem cuidar de tudo menos da Polonia: *Primo*. Podem ellas emancipar um povo quando são as primeiras que pelas armas impõem jugo? *Secundo*. Que bello exemplo não teria Argel e Irlanda, Niza, Saboia e Malta quando vissem as armas anglo-francezas destruindo os fortes entrincheiramentos dos tyrannos.

Sem mais conveniencia a não ser o temor do futuro, a Europa respeita a Russia, e deixa succumbir a Polonia.

A mocidade dá-lhe *vivas* e os poetas *cantos*.

Já é muito, dizem os politicos e desta fórma dismantelão os castellos dos principios livres.

A Polonia, livre ou escrava, é e será o objecto das sympathias e affeições do mundo, porque sua historia é o encadeamento de heroicidades e martyrio, e sua vida uma epopéa mystica.

M.

Folha Solta!

MINHA MÃE

Minha mãe, vou pintar-vos a triste situação em que me acho; e da mansão celeste em que habitaes prestai a attenção ao filho que, banhado nas lagrimas da orphandade, vós pede que escuteis as suas queixas repassadas do mais amargo soffrer... Minha mãe! Depois que o soffrer da morte separou-me de vós, envolvendo-vos no sudario de gelo, eu o filho sem amparo, tenho vivido nesse desterro que é dado áquelle que no botão da vida perde o que existe de mais apreciavel na vida... Sua mãe! Como ave inplume, ainda cedo abandonada do ninho, que solitaria treme ao frio do isolamento, assim eu suspiro e choro, como a ave o seu ninho, do lar materno que, no desapontar da vida suspirando deixei!

Depois que me deixastes só e sem abrigo no mundo, tem sido o meu allivio as lagrimas e o meu prazer a tristeza! Meu gosto é sempre nas horas mortas da noute, quando tudo parece estar adormecido, erguer as mãos ao céo e rezar, pedindo a Deos por vossa alma e descanso para o pobre orphão que sem amparo vive a carpir suas magoas, bem como o monge, nos sertões mais desertos, chora pelas culpas do passado!

Minha mãe, pedi a Deos que faça com que meus dias se abreviem para que eu possa, abandonando tudo quanto no mundo existe, abraçar-me convosco na eternidade!

Rio de Janeiro 29 de Junho de 1864.

ADEODATO SOCRATES DE MELLO

PARTE RECREATIVA

Mosaico

* *

A semana não foi das melhores : os acontecimentos falharão, as bravatas diplomaticas diminuirão, o cambio baixou, a poesia gemeu, a litteratura chorou, o jornalismo esteve em colicas, a novidade invadiu os cerebros e por fim nada viu-se, nada veio e nada venceu-se.

* *

O *theatro de S. Pedro* com a sua medalha de bronze, com o seu distincto e muito applaudido Simões vae sulcando os *mares nunca d'antes navegados*.

Seus actores envidão esforços e quanto a nós são mui e mui infelizes, porque por mais que fação e por mais que trabalhem nada adiantão e nada obtem.

Triste destino !

O *Gymnasio*, lambendo os beiços ainda recordando-se dos bellos tempos que passarão-se e das bellas noutes que não voltão, chora o amargurado transe de uma vida ingloria, suspira pelas *neves* porém póde desenganar-se porque por mais que esforce-se ficará na estação dos que só tem por crenças um *passado*.

O Vasques recebeu na *Gazetilha do Jornal do Commercio* um *elogio* muito classico e aquelle « accrescenta que é verso » nada depõe em prol do nosso patricio que tanto nós tem divertido com sua fonte de recursos. Porém diga o *Jornal do Commercio* o que pensar ainda que pense bem, o Vasques irá proseguindo na longa estrada da litteratura dramatica e o auctor do *Othello* remexe-se no seu sepulchro roido de ciumes vendo sua gloria evaporar-se e sentindo a voz do publico apregoar o Sr. Vasques como auctor de *trese* producções que vendem-se no escriptorio do *theatro Gymnasio*.

O *Lyrico* ou anda mettido n'uma *Cruz de Fogo*, ou vê os *pês negros da Irlanda*; do contrario não achando n'uma *noite de carnaval a porta da rua* vacilla entre a ignorancia d'um *provinciano em Lisboa* e a feresa d'um *salteador da Serra da Estrella*.

Comtudo este pobre *theatro* dedicado as estréas das *primas-donas* do farfalhão e improvisado atheneu Lyrico (chamado Italia na expressão do meu amigo André das Luminarias) possue uma Estella que esforce-se e não engana o publico, e que não tem dado máositos espectaculos : a Ricciolini dança chistosos solos, e o resto da companhia, quando não seja perfeita, é *aussi*.

S. Januario.... Aparemos a penna, porque além do escriptorio lobrigamos uns olhos que nos espreitão, e uns visinhos que nos espião.

Pela decima terceira vez forão á scena *Os Miseraveis*, e pela segunda os admiramos : Cada vez nos capacitamos mais das bellezas e senões do drama do talentoso Dr. Agrario, cada vez

nos achamos din
vez a companhia

Sem fallar do
campo dos comb
vuras das vivan
Fernanda, There
bem ao Sr. Mac
Salles Guimarães
lord ante a cor
prio de um *saur*
tista) dizemos : A
sos os artistas bra
e entusiastas fill
os esforços dos s
nem nos honrai
voir.

Appareceu no
suivis d'un roye
brasileira chama
numero do 2º ar

A primeira pro
mir nas estantes
cebos acordados

Appareceu ige
Tempos de Thec
celeumas em toc
todos os cantos d
por consequenci
do-se dos seus;
surgir bellos poe
conceito entre no

Dizendo synt
Tempos póde af
e que cheira ou r
porém o maior
ouvido a melodã

No dia 2 de J
Bachareis em le
Fallarão diversos
e alguns dos soci
cumba aos ardor
damente; fazem
para que possa
e bello.

Post-

Esquecido a
ticia que « o mo
dizer engrandeci

Como não enter
de novo : Ha movi
lheres Perdidas de

M....

O ABANDONNO.

iste, ó virgem, de meus olhos ternos
Qual branca pomba,
Que vòu — fugio ;
iste, ó deusa, de meus olhos bella,
Qual meiga virgem,
Que p'ra mim sorrio.

losas magoas, que'a saudade deixa,
Esmagão o peito
No pulcar d'amor.
iste sim, que esconder-te foste
Nos verdes ramos,
Só deixando a dôr.

lade louca que meu peito sente.
Soffrer faz n'alma
Tão cruel paixão.
ti eu choro, nesta relva secca
Lagrimas puras
Só por ti em vão

resta triste, que te falta agora,
S'em ti encerras
Quem fugio de mim ;
tando a relva, onde amor gozava
Queridos laços
n amor sem fim ?

berta á mente, no passar da vida
Por ti tão crente
Mui vigorosa é ;
fez minh'alma no raiar d'um dia
Suspirar terna
Com amôr com fé.

iste, ó virgem, da paixão ardente
Santa na terra,
Que p'ra ti nasceo ;
doce sonho de illusão doirado,
Feliz ventura
Que p'ra mim morreo.

iste, ó virgem, para triste selva,
Levando tudo,
Que gozei então ;
foi perdido no passar do tempo
Esse abandono
Que não tem perdão.

LEITE DE CAMPOS

Eu amo....

amo o teu porte de tantos primores,
Que é
os olhostão negros que fallão de amores,
Com fé!

Eu amo os teus labios, e as voses suaves
Que tem :

Que roubão doçuras aos cantos das aves,
D'alem

Eu amo-te o riso dos labios mimosos,
Em flôr ;

Teus labios que dizem, gentis, graciosos
— Amor.

Eu amo o teu cóllo, tão cheio de graça,
Gentil ;

E o doce perfume que della perpassa,
Subtil !

Eu amo-te, ó virgem, a côr tão fragante
Da tez ;

E a debil cintura de tão elegante
Dobrez.

Eu amo essas lindas, tão negras madeixas
Que tens ;
Que ás veses, se as beijo, calando mil queixas
Retens !

Eu amo o teu todo de tantos encantos
Primor ;

Qu'inspirão min'harpa nos mysticos cantos
D'amor.

E. VILLAS-BOAS.

Tua imagem ?

*Não és mulher, mas deidade,
Uma fada seductora.*

G. DIAS.

Quizera com vivas côras
Tua face de primores
Nos meus cantos, retratar ;
Porém não posso, mimosa,
A face é tão primorosa
Que não sei como traçar.
O pintor, nos seus painéis,
Co'os mais sublimes pinceis,
Não sei se pinta tão bem
O retrato da belleza
Com a côr e gentileza
Que teus finos labios tem.
Se agora tentasse o artista,
Diante de tua vista
Retratar-te em seu painel ;
Louco de amor se abrasára,
Nem mais a imagem traçára,
Da mão cahira o pincel.
E como posso, morêna,
Se dos dedos cahe-me a penna,
Te traçar agora aqui ?
Não sabes, ai, que padeco,
Que quasi, quasi enlouqueço,
Que morro de amor por ti ?

Eu não posso retratar-te,
Vivo só para adorar-te
Supportando dôr cruel ;
Se um anjo do céu baixasse
Pôde ser te retratasse
Do rosto a imagem fiel.

JOSINO EMILLIANO DA SILVEIRA.